

A EMBAIXADA

André Luis de Oliveira¹

Mercedes assistia à novela quando ouviu o estrondo, mas só se inteirou de que se tratava de uma bomba do outro lado da rua quando olhou discretamente pela janela e viu metade da casa do embaixador em chamas. Ainda escutou gritos e uma rajada de metralhadora. Depois o silêncio tomou conta da rua. Ali recebiam pessoas para uma celebração naquela noite, setecentos e trinta convidados, como ficou sabendo depois. Apesar de fazer vítimas fatais, o atentado pretendia apenas manter reféns em troca da revogação da lei do armamento. Eram 31 terroristas e 488 detidos entre homens, mulheres, crianças, convidados nacionais e internacionais e funcionários que sobreviveram na metade não afetada da embaixada, um meio prédio bem na frente da janela de Mercedes.

Carros oficiais e viaturas não demoraram a ocupar a rua e as calçadas. Cercaram a embaixada por todas as saídas e iniciaram uma comunicação a rádio entre si e via megafone com os de dentro. As negociações, ou conversações como preferiram anunciar, não duraram apenas uma noite. Principalmente porque ninguém soube de imediato como lidar com a situação sem um líder que lhes dissesse o que fazer, já que todas as autoridades da política e da diplomacia, além de seus parentes, estavam na recepção. Eram convidados de todas as partes do mundo bebendo e comemorando quando o deslocamento de ar, o calor e alguns destroços interromperam o relaxamento, e a festa deu lugar a momentos que os noticiários a cada cinco minutos chamavam de cada vez mais críticos. Genaro Morteiro Campos, magnata do petróleo extremamente influente e hábil com as palavras foi designado entre os reféns para ser o elo entre os sequestradores e o mundo exterior.

Mercedes assistia a tudo da janela da sala. No dia seguinte, pediu licença a policiais, militares, jornalistas, familiares, câmeras de TV e agentes do governo para sair de casa pela esquerda apesar de ir à tenda de seu Miguel que ficava do lado

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Literatura pela Universidade de Brasília, com período sanduíche de um ano na Universidad de los Andes, em Bogotá, Colômbia.

oposto. Por alguma razão, a multidão de profissionais desconfiava que o conflito não seria breve e levantou acampamento na rua.

- Já acabaram os ovos?

- Dona Mercedes, nosso estoque está vazio. Essa gente achou melhor se preparar.

- Tanto assim?

Os dias que se seguiram plantaram dúvidas sobre a capacidade dos sequestradores de negociar e a possibilidade de as autoridades darem aquilo que se pedia ao governo. Seu Miguel também enfrentou dificuldade de repor as prateleiras de seu comércio que mal se enchiam pela manhã e já se esvaziavam antes do almoço. Parecem selvagens. Reclamava, mas não se importando de verdade, a não ser quando, ainda na primeira semana, montou-se o carro de cachorro quente à frente de sua loja, o de milho verde, duas casas adiante e o de bebidas quentes entre essas duas. Em mais quatro dias, um pipoqueiro que trouxe três sacas de vinte quilos cada para suprir as primeiras necessidades do comércio, um *food truck* que eventualmente se deslocava de ponto para evitar cobrança de alvará pelo departamento fiscalizador que dava rondas por ali, e uma cartomante extremamente intuitiva que parava também em pontos estratégicos para interceptar os parentes que lhe pareciam mais desamparados. Mercedes mantinha-se vigilante, como quem espera o clímax de uma grande narrativa, levantava-se um pouco do braço da poltrona apenas quando o guarda-sol gigante do carrinho de bebidas atrapalhava a visão privilegiada de sua janela. Não ia ao banheiro e não desviava os olhos da rua nem quando a TV dava os últimos informes da negociação, escutava o noticiário ao vivo vendo os repórteres a vinte passos do seu portão. Acostumou-se a servir cafezinho a alguns mais próximos só para saber da notícia antes do resto do mundo. Vantagens de se sentar na primeira fila para deslumbrar-se com uma tragédia bem feita. Se o enredo lhe parecia um pouco repetitivo, piscava os olhos de sono, mas logo era despertada pelo megafone da Interpol ditando ordens e decisões ou passando avisos, como estamos levando água, estamos deixando comida, estamos resolvendo o entupimento na pia da cozinha. Do que se passava lá dentro, ninguém sabia ao certo, além de que os militares não invadiam a embaixada porque tecnicamente era terreno estrangeiro e os criminosos alegavam que o quintal e a casa haviam sido armados com bombas que eles não hesitariam em detonar ao primeiro sinal, ainda que isso significasse morrer com os reféns pela pátria.

Certo dia Mercedes viu fumaça sair da janela mais ao sul da casa. Os bombeiros, a postos há dias, desenrolaram as mangueiras, conectaram os hidrantes, içaram as escadas e quando estavam prestes a disparar água, antes mesmo de ver o foco do incêndio, sentiram o cheiro macio de carne assada. Era domingo e os de fora também não duvidaram. Em minutos, estavam repórteres e policiais de chinelo de dedo pedindo ao vendedor com o isopor nas costas que fizesse três por dez já que as latinhas estavam quase acabando. Mania irreversível de negociar por meses sem resultado.

Mercedes também pensou em dar uma pausa na sua programação de domingo, mas não podia dormir com o conversatório que vinha de fora, com a luz estroboscópica das viaturas da polícia, das ambulâncias, dos carros de bombeiro, do show de música, com a narração da luta do século pelo cinturão dourado, com as

mulheres que arrumaram trabalho rápido ali e lhe pagavam uma cortesia para usar o banheiro e, logo um valor fixo para alugar o quarto por uma hora. Mercedes tinha também certo tino comercial, assim como os paramédicos que começaram a vender medicamentos e materiais de primeiros socorros a preços populares, por falta de uso, quando o sequestro estava para completar um ano sem iluminar nenhuma resolução. No natal, uma equipe televisiva foi autorizada a entrar na embaixada, mas não passaram do jardim, onde filmaram e emitiram ao vivo a celebração ecumênica presidida pelo arcebispo e pelo pastor, ambos reféns do sequestro. A mensagem era de esperança e paz. Os sequestradores apareceram na TV pela primeira vez com fuzis e revólveres na mão e camisas escondendo o rosto – nenhum deles deu qualquer declaração. Apenas vinte e cinco reféns foram sorteados para a celebração, alguns à contragosto por não apreciarem culto religioso, mas todos aceitaram a oportunidade após serem fortemente convencidos a aparecerem ao vivo e em rede nacional. A ideia era assegurar as famílias e as autoridades de que estavam sendo muito bem tratados no interior da mansão. Celebrantes de outros cultos religiosos foram autorizados a fazerem seus rituais nos fundos da casa, longe das câmeras porque não cabiam no tempo destinado à transmissão. A notícia que Mercedes escutou, no entanto, era de que foram proibidos de aparecer ao vivo por certo impasse nunca bem explicado com patrocinadores. Foi o mais próximo que se chegou a saber como viviam os moradores da embaixada em quase doze meses de cativo e por todos os que seguiram.

A aparição dividiu a opinião popular. No dia seguinte ao Natal, manifestantes de todas as partes do mundo ocuparam a frente do cativo mais vigiado e famoso dos cinco continentes. Um grupo pequeno, mas significativo, exigiu a imediata invasão da embaixada, com uso de força, franco atiradores e bombas para a libertação dos reféns. Outro apelou para cartazes e jogos teatrais que lembravam os direitos humanos fundamentais dos sequestradores, mas foram rapidamente dispersados pelos militares. Um terceiro grupo, vestido de branco, acendeu velas, soltou pombas brancas e entoou cantos gospel em nome da paz e de uma campanha intitulada *#Prayer for the Embassy*. Eram liderados por um guru hindu xamânico que, apesar da aparência, foi considerado inofensivo e autorizado a permanecer no local.

Em meados de janeiro, porém, a situação se complicou. Os órgãos oficiais não conseguiram mais esconder da imprensa que o embaixador não estava em casa no momento da explosão da bomba, mas em outro ponto da cidade com sua amante oriental, e que, por isso, nunca esteve entre os reféns do sequestro. Ele foi mantido incógnito e silencioso por questões de segurança internacional. Após o caso vir à luz, seus assessores o aconselharam a dar um depoimento à coletiva de imprensa ao lado de sua jovem e carismática esposa para desfazer qualquer mal-estar que o ocultamento de sua figura no último ano pudesse ter gerado na opinião pública. Todos os flanelinhas e camelôs que trabalhavam na frente da embaixada apostaram que a embaixatriz tinha mais de vinte anos e perderam.

No meio do discurso, porém, o barbeiro subiu num caixote de madeira para ser visto e ouvido pelo embaixador e por quem mais estivesse ali. Tinha tino político e começou com uma pergunta, que logo se tornou comentário indignado, que em seguida se transformou em discurso inflamado, que imediatamente se converteu em chama revolucionária até mesmo no coração dos mais apáticos. A equipe do

embaixador solicitou aos técnicos de som que aumentassem o volume do seu microfone até abafar a voz do barbeiro. O grito agudo que saiu das caixas de som encheu a rua. A população estava surda e confusa quando se voltou para a autoridade de modo que foram poucos os que viram o revoltado filósofo das navalhas ser retirado, a socos e choques, do palanque improvisado por agentes da inteligência infiltrados entre os comuns. Disse o embaixador mais meia dúzia de frases organizadas com precisão publicitária e saiu dali deixando os esclarecidos incrédulos e os inocentes ainda mais desorientados. O sequestro seguiu perfeitamente normal daí por diante, anualmente repetindo o culto ecumênico no natal e revezando os vinte e cinco reféns que participavam da celebração. Todos os dias, os sequestradores jogavam a sua tradicional partida de futebol, que passou a ser televisionada, e o time se tornou tão respeitado que recebeu hino, bandeira e convites para disputar o campeonato nacional com grandes equipes. A embaixada era aberta nessas ocasiões para os dirigentes, os cartolas, os árbitros, os bandeirinhas, os comentaristas e a torcida organizada dos guerrilheiros. Ninguém que vestisse outra camisa de futebol podia estar presente e os esquemas de segurança eram extremamente rígidos quanto a isso. Os sequestradores ganharam o campeonato cinco anos seguidos desde a primeira vez que disputaram, pois ameaçaram explodir as cabeças de dezoito reféns, caso o resultado da competição fosse outro.

Mercedes adotou uma dieta de comida congelada pelos vinte e anos e dezessete dias que durou o sequestro. Nesse ínterim, a rotatividade de pessoas na rua permaneceu alta. Muitas esposas e filhos deixaram a vigília. Alguns advogados vinham com promissórias, talões de cheque e certidões de divórcio para que os reféns assinassem. Jornalistas, militares, paramédicos e pequenos comerciantes que se instalaram na frente de sua casa trouxeram família para viver nas barracas que armaram na rua ou a constituíram ali mesmo entre si. As crianças nasceram sobretudo na primeira década. A sala da vizinha, professora aposentada, foi improvisada para que se ensinassem os filhos do sequestro mais duradouro da história enquanto seus pais repetiam diariamente na TV e nos quartéis que de hoje não passa essa situação dos infernos. Mercedes ajudou a conciliar e reconciliar sete casais que se conheceram, se apaixonaram e se casaram no meio da desordem. Reprovou a atitude dos meninos que antes brincavam na esquina de sua casa e agora eram infiéis com as esposas, ainda que essas tivessem por hábito ser amantes de outros rapazes, também casados, que cresceram no bairro, de modo que nasceram centenas de crianças na rua, nas ambulâncias e até no quintal de Mercedes, nesse tempo, sem que ninguém soubesse ao certo quem eram seus pais, irmãos e avós, mas todos estavam seguros de que eram parentes de alguma forma. Mercedes foi madrinha de pelo menos 13 meninos e meninas, incluindo o casal de gêmeos de Celeste Maria, que nasceram entre tanques em nome do fim do armamento que em duas décadas nunca veio, até que os sequestradores um dia saíram calmamente, derrotados e sem avisar, de dentro da embaixada, da mesma forma com que entraram, apenas sem explodir cinematograficamente nenhuma bomba. Muitos deles estavam também casados e com filhos pequenos, adolescentes ou em idade de entrar para a universidade. Todos eles, bem como os reféns, foram levados para realizar exames nos hospitais e seguir para as delegacias de polícia, enquanto o presidente era entrevistado na TV, respondendo para todas as perguntas que a paciência e a

perseverança foram fundamentais para encerrar o episódio mais violento da história daquele país, sem derramar nenhuma gota de sangue.

Os militares encontraram uma horta comunitária no quintal da casa, um sistema de captação de água da chuva no telhado, um templo religioso em um dos quartos, que funcionava para os católicos quatro dias da semana, para os protestantes outros três, e no domingo era fechado para limpeza. O arcebispo, agora idoso e pai de três crianças, deu um depoimento emocionado sobre a certeza que sempre teve na justiça divina e na histórica vitória do homem sobre o homem. Descobriu-se que os sequestradores permitiam banhos de sol, formação de casais, ensino de idiomas e que os reféns assistissem a apenas um canal de televisão, em horários pré-definidos, sem acesso ao noticiário. A música também estava proibida. Todos revezavam na limpeza dos banheiros, na lavagem das roupas e na remoção do lixo. A comunidade mundial recebeu com tristeza a notícia de que, um dia antes da rendição, havia morrido Bendito Moraes, o Juiz da Suprema Corte de idade avançada que era adorado por todos no cativeiro e as revistas sensacionalistas divulgaram que a dor dessa perda foi o principal motivo para a resolução do conflito, embora páginas clandestinas tenham noticiado, sem divulgar as fontes, que o presidente havia entrado na Embaixada por um túnel subterrâneo e negociado um resgate bilionário para que todos os envolvidos permanecessem em silêncio após a saída do cárcere, além de que nenhum dos militantes ficaria mais do que dois anos na prisão, o que de fato aconteceu.

Os homens e mulheres que trabalharam arduamente para cobrir o evento e manter a ordem e a segurança na rua de Mercedes entenderam que agora precisavam deixar seus colchões, ir de suas barracas e levar seus filhos para algum lugar que não sabiam mais onde era ou poderia ser, mas que haveria de ser outro porque ali não seria mais. Toda expectativa havia acabado com a rendição dos sequestradores que saíram da embaixada mais gordos do que haviam entrado, que foram defendidos por suas companheiras e filhos nos tribunais, que em depoimento, responderam que deixaram o cativeiro pelo tédio e pela exaustão de exigir o justo, repetir o óbvio e por decidirem que também se entregariam ao sentido mais crônico da vida: a resiliência.

Por hábito, Mercedes ficou ainda alguns dias na janela aguardando que a última resolução do sequestro fosse mais emocionante e poética que a primeira, mas após desenterrarem a ossada das vítimas da explosão e encontrarem o prefeito e uma convidada que celebrou seus trinta e um anos com a liberdade, atrás de um móvel no quarto onde estavam no momento do assalto e onde passaram as últimas décadas se alimentando de insetos e raspas de parede e brigando como marido e mulher, não houve mais novidades. Mercedes também entendeu que o seu melhor momento já havia passado, e havia sido antes da tomada da embaixada, antes da aprovação de algumas leis, antes do alvoroço da população, antes de se confundirem justiceiros com justiça. E quando compreendeu isso, dormiu o justo sono da espectadora.

RECEBIDO EM 05/01/2019 E APROVADO EM 03/07/2019